

AVALIAÇÃO ENTRE A LÓGICA DA ESCOLA E A LÓGICA DOS PAIS

Magda Suely Pereira Costa
Sonia Maria de Sousa Fabricio Neiva

1 Introdução

Discutir sobre a avaliação da aprendizagem desenvolvida no Ensino Fundamental exige diferentes olhares no interior da escola, de acordo com os objetivos de seus interlocutores, pois a avaliação constitui-se num ato político, pode ser um exercício autoritário ou uma construção dialógica pautada no princípio da participação coletiva dos segmentos envolvidos. Bernstein (1982) alerta que a escola apresenta sua estrutura e proposta de trabalho à família sem, contudo relacioná-lo a realidade da criança. Desse modo ela insinua que pais e crianças devem abandonar a vida que tem sentidos, significados assim que cruzam a porta da escola.

Na medida em que as relações sociais pautam-se pelos critérios do tripé produtividade, competitividade e lucralidade, fatores inerentes à globalização, questiona-se como deve ser conduzido o processo educativo, como os pais avaliam o trabalho realizado pela escola uma vez que a educação assume cada vez mais o contorno de um bem a ser adquirido como qualquer outro objeto de consumo. A pesquisa motivou saber em que medida esses acontecimentos repercutem na escola na cidade de Arraias, uma vez que aqui os acontecimentos parecem distantes dessa realidade? Mas só parecem. “Se a escola tem de responder por produtos, estes só podem ser o resultado da apropriação do saber pelos alunos” (PARO 2007, p.13).

Nesse sentido foi pensado sobre a realidade escolar que a Universidade Federal do Tocantins atua, e no bojo das relações emergiu a necessidade de pesquisar sobre a percepção dos pais sobre a forma como seus filhos são avaliados. As observações do cotidiano da escola, os discursos proferidos por alguns gestores e professores em dias de estágios de nossos alunos, e em algumas reuniões que tivemos oportunidade de participar denunciavam que nessa problemática haveria questões a serem investigadas. Conhecer o contexto social e histórico em que os alunos vivem junto à família é o primeiro passo para adoção de práticas educativas mais democráticas.

2 Pensando a lógica da escola

A Constituição da República Federativa do Brasil (1988) aponta o compromisso do Estado e da família no processo educativo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) destaca a importância dos processos formativos desenvolvidos na vida familiar entre outros. A legislação enfatiza a necessidade da cooperação entre família e escola como mecanismo de aprendizagem dos alunos. A efetiva articulação entre pais e escola e a avaliação destes em relação à instituição poderá provocar alterações significativas nos sistemas escolares. Perrenoud (1995) ao enfatizar a importância dessa parceria utiliza o termo “go-between” como uma questão sociológica que viabiliza e estabelece a comunicação consentida ou não.

A educação e por consequência a escola na contemporaneidade está envolta numa complexa teia de significados e contradições. Observa-se que do ponto de vista teórico e prático, a escola deve optar entre oferecer esperanças aos alunos, possibilitando a eles acesso aos conhecimentos produzidos pela humanidade. Ou então, deixá-los na ignorância e excluídos do processo cultural, social, político, etc. Considerando a escola pública popular como sendo a que atende os setores populares, resta-nos como opção pensar que ela oportuniza a escolarização formal, que possui algum valor objetivo para os setores populares, no contexto político e econômico como o que vivemos.

Embora reconheçamos que a escola tenha nascido com o intuito de imprimir a igualdade, sua ação demonstra que ela opera a seletividade, a classificação e a exclusão gerando o fracasso escolar, especificamente das crianças oriundas de camadas populares. Como elementos que levam a tal situação, destacamos: a incompetência técnica e pedagógica visualizada na gestão, dos processos de ensino e de aprendizagem, fragilidade no domínio de conteúdo do currículo, metodologia de ensino e na gestão da escola como um todo. Além da fragmentação do diálogo entre alunos/professores e pais.

Andrade (1986, p.219) destaca que a compreensão sobre a importância das camadas populares é uma conquista recente por parte da escola, pois (...) “sem dúvida, a obtenção das avaliações dos pais ou responsáveis sobre as ações da escola estabelece, com isso, uma alça de realimentação para o processo e implementação, e ainda, propicia a eles um espaço para o exercício de suas ações controladoras e fiscalizadoras da instituição escolar.”

Razão pela qual pensar a avaliação na atual conjuntura é pensá-la no âmago das contradições do sistema educativo. Por um lado ela produz hierarquias de excelência dentro das instituições de ensino que evidenciam as progressões em cursos, seleção para acesso em

diferentes níveis de ascensão, orientação para diversos tipos de estudo. Com relação à certificação no sistema educativo a avaliação também, ocorre contribuindo para a regulação vertical do trabalho pedagógico.

3 A lógica dos pais

Em relação às pesquisas sobre a relação escola/família que tem como objeto de estudo as camadas populares destacamos (D'Avila, 1988; De Queiróz, 1995; Dubet & Martucelli, 1996; Lahire, 1994,1997; Laurens, 1992; Portes, 1998; Viana, 1998; entre outras). Os referidos autores enfatizam que o trabalho pedagógico desenvolvido além de complexo não segue tampouco obedece a modelos. Em razão dessa situação a compreensão dos fundamentos desse trabalho é difícil, uma vez que não se pode generalizá-lo.

A escola não oportuniza uma discussão mais aprofundada com os pais acerca dos processos pedagógicos e aponta como fator crítico do insucesso dos alunos a falta de interesse dos mesmos, a pouca participação, e falta de escolarização dos pais. Uma das possíveis razões pode ser a falta de delimitação precisa das funções educativas da escola e da família. Conforme Demo (1999, p.19-20) “a nenhuma mãe simples da comunidade ocorreria à ideia estranha de que, para educar seus filhos, teria primeiro que estudar educação. Sabe educar por outros caminhos: pela convivência histórica pela identidade de princípios sociais que norteiam a vida do grupo, pelo bom senso”. Esse posicionamento nos leva a refletir sobre as formas de avaliação executadas pela escola, e também nos posiciona rumo à discussão da avaliação informal que pode estar sendo feita pelos pais. A opinião dos pais acerca do processo de escolarização dos filhos realizado na escola precisa ser discutida.

Gusmão (1997) e D'Avila (1998) indicam que a escolaridade é vista em família de classes populares, como fator de melhoria das condições de vida para os descendentes o que os leva a investir na escolaridade dos filhos.

4 Os dados: leitura e análise

A pesquisa se desenvolveu na Escola Estadual Apoenan de Abreu Teixeira localizada em Arraias estado do Tocantins, que atende alunos do Ensino Fundamental. Foi realizado grupo focal com dez mães de alunos em abril de 2012. Para preservar a identidade delas, utilizamos a letra M seguida de número.

Em relação às atividades realizadas pelos filhos as mães apontaram que observam o caderno do filho, verificam se tem dever, telefonam para a professora. Dessa forma avaliam se o filho está aprendendo ou não.

A maioria respondeu que vem quando são chamadas para as reuniões outras tem o costume de vir à escola. M2 acrescentou a sua resposta o seguinte: *“Eu venho no natal, venho na palestra da professora dos alunos ai no teatro dos meninos para ver como é que esta se este bom, ruim, médio”*. Essa resposta particularmente nos chamou atenção, pois reforça o entendimento de avaliação de resultado, ou seja, ao final do ano os pais vão à escola para saber se os alunos foram aprovados ou não. Como alternativa para alguns pais ainda existe *“vou dar um corretivo”*. No Tocantins esse corretivo significa punir e a forma mais costumeira surra. Apesar de ser um recurso que julgamos incorreto(existem outros meios para resolver a situação) ele expressa o reconhecimento e entendimento da família de que o aluno não cumpriu com a sua obrigação. Isso pode ser comprovado também na seguinte fala: *“já vim à sala de aula, depois que a professora me ligou. Vim corrigir o aluno” (M3)*.

Nossa análise é de que nessas respostas há indícios de uma educação de caráter punitivo, fruto da concepção de educação convencional visto que os pais estudaram já há algum tempo e sua referencia de escola, educação, ensino é essa. Talvez a escola ainda não tenha encontrado uma forma de mostrar como é a organização do trabalho escolar nos dias atuais e possivelmente ainda realiza um trabalho atrelado à mesma concepção dos pais, conforme discute Perrenoud (1999). Neste sentido Luckesi (1996, p 18) destaca:

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total de educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem.

Há o reconhecimento de os pais serem responsáveis pelo acompanhamento da aprendizagem dos filhos. *“não só a professora é obrigada. A gente que é mãe é obrigada acompanhar para ajudar nas tarefas. Os meninos... talvez não tenham medo das professoras, mas com a presença das mães, já é uma ajuda” (M4)*.

Sobre como ficam sabendo das atividades realizadas pelos filhos, responderam: “*Eu venho sempre, e o acompanhamento na sala de aula venho, pergunto a professora como é que está a situação*” (M1). “*Eu também vou acompanhando no caderno olho a tarefa, se tem tarefa se não tem eu ligo para professora, professora como é que está o menino aí na sala*” (M6).

Segundo as mães a escola convida para as reuniões e elas comparecem. Em relação ao que acontece conforme nossas análises as respostas são afetadas à categoria participação, avaliação institucional e auto-avaliação. As mães explicaram que respondem ao que a escola pergunta durante a reunião, o que nos permite inferir que acontece uma avaliação informal, pois não localizamos registro de avaliações feitas pelas mães, no entanto elas nos comunicaram que sugerem temas para reuniões e respondem as perguntas.

As respostas reverberam as categorias avaliação disciplinar; participação; auto avaliação e confirmam a existência do tripé avaliativo composto por avaliação instrucional (conteúdos do trabalho pedagógico; como competências, habilidades, capacidade, instrumentos formais, provas), avaliação disciplinar (comportamento: interesse, participação, pontualidade, frequência, organização dos cadernos) avaliação valorativa (crenças, atitudes, valores expressos) e a avaliação de cunho informal ocorre na perspectiva dos pais Sobierajski (1992), Villas Boas (1993) e Freitas (1995).

Se o professor explica como ele avalia o aprendizado do seu filho as mães apresentaram dificuldade para responder e em sua maioria manifestaram que não entendem, que até sabem ler, mas não compreendem o que escola faz. As orientações feitas nas reuniões são acatadas, pois os professores sabem o que fazer.

Isso demonstra a importância e o papel do professor. Outros respondem que não sabem ler. Encontramos também mães que disseram entender alguma coisa. Quando não compreendem perguntam aos filhos e pelas explicações tentam ajudar. As respostas mostram que a falta de escolarização não impede as mães de ajudar os filhos. Além disso, demonstra que a escola precisa apresentar aos pais a forma como eles podem auxiliar os filhos, entendendo que os pais não têm o mesmo conhecimento dos professores e que não basta pedir os pais para ajudar. Revela que a escola não apresenta aos pais a proposta de trabalho da forma que eles possam entender. Essa atitude aponta que a própria escola acentua o hiato entre o conhecimento da realidade dos alunos.

Quanto a mudança no relacionamento com seu filho após as reuniões as mães foram unânimes em afirmar que a participação melhora o relacionamento com os filhos. Elas se

sentem seguras ao saber que a escola preocupa com seus filhos. Elas afirmaram o que Perrenoud (1999) discute sobre o “go-between”, ou seja os filhos realizam aponte entre família e escola, eles levam informações acerca do que acontece em sala de aula para casa. E por sua vez retornam para a sala de aula o que acontece em casa.

Sobre como avaliam se o seu filho está aprendendo ou não, as mães apontam o modo como avaliam o trabalho da escola. Segundo elas isso ocorre através da observação das tarefas de casa; na leitura, quando coloca os alunos para fazer o dever de casa, olhando os cadernos.

Localizamos a participação o comprometimento, e novamente as considerações de Demo (1999), acerca do interesse da família pelo processo educativo dos filhos. Consideramos também a presença das categorias freirianas de emancipação, da comunicação e do respeito à cultura popular os meios e modos como elas buscam apropriar-se da cultura letrada. A organização do trabalho pedagógico, categoria mais ampla que encerra este estudo, indica a possibilidade de uma parceria entre pais e escola na construção de seu projeto político pedagógico, apontando na ação conjunta de seus membros a possibilidade da existência de uma educação participativa preocupada com a formação humana dos sujeitos envolvidos neste processo.

Em relação à contribuição que a participação às reuniões educacionais traz para o filho, elas sintetizaram a resposta em três palavras educação, aprendizado e organização. Nossas consideramos acerca dessa síntese é que ela indica a visão do modo como à função social da educação se manifesta na sociedade. Pois acreditam que é dessa forma que os filhos deverão agir nessa sociedade. Isso deve ser assumido pela escola.

Para todas as mães a escola faz muita diferença. Vejamos algumas respostas:

“Quando ele formar para ser alguém ai e vai lembrar bem que minha mãe falou para eu fazer as tarefas direito prestar atenção na professora. Quando ele for embora da cidade já com educação que teve na escola e na casa não passa vergonha” (M4).

“O que ele aprende aqui a gente não pode ensinar em casa” (M5).

“A convivência eu acho interessante que ninguém vive sozinho você tem que estar interagindo com outras pessoas [...] com outros meninos, cada um tem a forma de pensar cada um fala de um jeito isso é bom conviver com a diferença aceitar o outro com a escola” (M8).

As respostas reverberam as categorias: avaliação disciplinar; participação; auto avaliação e confirmam a existência do tripé avaliativo composto por avaliação instrucional

(conteúdos do trabalho pedagógico; como competências, habilidades, capacidade, instrumentos formais, provas), avaliação disciplinar (comportamento: interesse, participação, pontualidade, frequência, organização dos cadernos) avaliação valorativa (crenças, atitudes, valores expressos) e a avaliação de cunho informal ocorre na perspectiva dos pais Sobierajski (1992), Villas Boas (1993) e Freitas (1995).

Questionamos as mães sobre quais são os conhecimentos elas podem propiciar aos filhos elas foram unânimes em afirmar que educação, respeito, carinho, amor é tarefa da família. O diferencial entre o que os pais ensinam e o que a escola ensina está na postura, aprendem a tratar as pessoas, a conviver em grupo e tem o professor para ensinar que e é preparado para isso Sobre as necessidades para melhoria do processo de aprendizagem da escola elas disseram:

- *Uma sala de computação para as crianças aprenderem a utilizar o computador;*
- *Uma quadra de bola dentro da escola e coberta;*
- *Uma horta grande para as crianças aprenderem a plantar e melhorar o lanche;*
- *Oferecer um lanche menos gorduroso e mais nutritivo;*
- *Espaço para biblioteca porque os alunos tem que caminhar até o centro da cidade para fazer pesquisa na biblioteca no centro, isso está errado. Nas escolas tem que ter uma biblioteca para os alunos da escola.*

E por fim: *“que muita gente exclui os alunos do setor bunitinho. Elas acham isso um absurdo. Queixaram de na própria escola haver funcionário que exclui aluno. Igualzinho às pessoas lá de baixo só porque moramos no bunitinho a própria sociedade tem preconceito por ser negro pobre isso e muito ruim para nós”.*

Em nosso ponto de vista esse relato aponta que os pais efetivam uma avaliação de caráter informal acerca do trabalho efetivado no espaço escolar. Perrenoud aponta com propriedade o fato de a avaliação suscitar emoções boas ou más, o que contribui com a ideia de ela ter forte cunho emotivo. Ele assim a caracteriza:

A avaliação inflama necessariamente as paixões, já que estigmatiza a ignorância de alguns para melhor celebrar a excelência de outros. Quando resgatam suas lembranças de escola, certos adultos associam a avaliação a uma experiência gratificante, construtiva; para outros, ela evoca, ao contrário, uma sequência de

humilhações. Tornando-se pais, os antigos alunos têm a esperança ou o temor de reviver as mesmas emoções através de seus filhos (1999, p.9).

Todas as mães afirmaram que a escola faz muita diferença na vida dos filhos. As respostas revelam que a escola não apresenta aos pais a proposta de trabalho da forma que eles possam entender.

5 Considerações Finais

A participação da família na escola é uma importante conquista que ainda não foi bem assimilada pelos sujeitos envolvidos. Geralmente existe um receio dos pais e dos professores, estes últimos ingenuamente entendem que abrir espaço para os primeiros pode representar perda de poder. Uma das possíveis razões pode ser a falta de delimitação precisa das funções educativas da escola e da família.

Propor que pais, e comunidade se incorporem ao conjunto de atores que definem os rumos da educação que se realiza na escola ainda é um objetivo auspicioso para a instituição escolar. A abertura da escola a comunidade e aos pais relaciona-se à emergência da gestão democrática nos sistemas escolares. Esta pensada no sentido de ouvir os sujeitos envolvidos com a escola a fim de propiciar ações que auxiliem na qualidade do trabalho pedagógico desenvolvido pela mesma, onde possa haver troca de ideias entre pais e escola em que cada um possa emitir opinião e não apenas legitimar uma decisão definida anteriormente, neste caso, os pais apenas tomam conhecimento do que já está definido. Sem uma reflexão crítica acaba sendo reproduzida a lógica da escola. Dessa forma faz-se necessário que a escola conheça a comunidade com a qual lida. Principalmente suas dificuldades, seus planos, expectativas, medos, anseios. E como isso repercute nas ações dos alunos que frequentam a escola. Informações estas que auxiliam na avaliação do êxito do trabalho da escola e identifica às demandas que norteiam à construção de propostas educacionais adequadas a realidade da comunidade escolar.

Os resultados desse estudo apontam inquietudes relacionadas à qualidade do trabalho pedagógico realizado pela escola. Os pais entendem a avaliação como nota e certificação, contudo foi perceptível que os pais que participaram desse estudo compreendem a avaliação que a instituição faz, visto que nas respostas existem aspectos técnicos, éticos, citam a pesquisa, uso de laboratório, estéticos, pedagógicos, sociais.

Sobre a diferença entre o que é ensinado na escola e o que é em casa afirmaram que o diferencial está na postura, aprendem a tratar as pessoas, a conviver em grupo e tem o professor para ensinar que é preparado para isso. Quanto aos conhecimentos que somente elas poderiam dar aos filhos e que são necessários na escola; foram unânimes em afirmar que em casa propiciam educação, respeito, carinho, amor e que isso é tarefa da família. Foi apontada a necessidade de uma biblioteca segundo elas nas escolas tem que ter uma biblioteca para os alunos. Não é possível os alunos saírem do bairro para fazer pesquisa.

Denota-se a presença das questões curriculares quando cita-se a necessidade de quadra coberta, preocupação com a alimentação, o preconceito. Nota-se também que os pais apontam os aspectos da avaliação informal, comportamento e atitudes. E que sabem avaliar usando critérios, talvez ignorados pela escola como observação, qualidade do tempo, relevância do tema para inserção social, participação, comunicação, diálogo. Reverberamos a importância de a escola criar espaço de diálogo com a família.

6 Referências

ANDRADE, Antônio dos Santos.(1986). **Condição de vida, potencial cognitivo escola:** um estudo etnográfico sobre alunos repetentes da primeira série do primeiro grau. São Paulo, 249p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia. USP.

BERNSTEIN, Basil. A educação não pode compensar a sociedade.In: GRÁCIO, S et al. **Sociologia da Educação II** -A construção social das práticas educativas.Lisboa.Livros Horizonte,1982.p.19-31.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei 9394/96.

BRASIL, Constituição da República Federal. 1988.

D'ÁVILA, J. L. P. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de classe. In: **Educação & Sociedade**, 62. Campinas: CEDES/UNICAMP, 1998. Ano XIX, p.31-63.

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**. 6.ed.Campinas,São Paulo: Autores Associados,1999.

DE QUEIROZ, Jean Manuel. **L'école et ses sociologies**.Paris,Nathan,1995.

DUBET, François & MARTUCELLI, Danilo. **Les parents et'école:** classes populaires et classes moyennes. Lien social et politiques-RIAC,n.35,p.109-121.1996.

FREITAS, Luis Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da**

didática. Campinas, SP: Papirus, 1995.

GUSMÃO, N. M. M. Infância e escola em famílias negras de São Paulo. In: **CEDES, 42: Família, escola e sociedade**. Campinas: CEDES / UNICAMP, 1997. p. 53-74.

LAHIRE, Bernard. Les raisons de l'improbable: Les formes populaires de la "réussite" à l'école élémentaire. In: VINCENT, Guy(org). **L'éducation prisonnière de la forme scolaire**. Lyon, PUL, p.61-64, 1994.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios**: as razões do improvável. São Paulo. Ática. 1997.

LAURENS, Jean Paul. **1 sur 500**: La réussite scolaire en milieu populaire. Toulouse, Presses Universitaires du Miral. 259p. 1992.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PARO, Vítor Henrique. **Qualidade do ensino**: a contribuição dos pais. São Paulo. 3ed. Xamã, 2007.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Portugal, Porto: Porto Editora, 1995.

_____ **Avaliação**: da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed, 1999.

PORTES, Écio Antônio. O trabalho escolar das famílias populares. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (orgs). **Família & Escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. 3ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PORTES, Écio Antônio. Estratégias escolares do universitário das camadas populares: a insubordinação aos determinantes. In: PAIVA, Aparecida & SOARES, Magda (orgs). **Universidade, cultura e conhecimento**: a educação pesquisa a UFMG. Belo Horizonte, FAE/UFMG, p 251-277. 1998.

SOBIERAJSKI, Maria Stella. **Explorando a prática da avaliação em uma 5ª série do 1º grau**. Campinas, SP, 1992. Dissertação (Mestrado em Metodologia de Ensino). Faculdade de Educação, UNICAMP.

VIANA, Maria J.B. **Longevidade escolar em famílias de camadas populares: algumas condições de possibilidade.** Belo Horizonte, MG, 1998, 302p. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, UFMG.

VILLAS BOAS, Benigna Maria F. **As práticas de avaliação e a organização do trabalho pedagógico.** Campinas, SP, 1993. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino). Faculdade de Educação, UNICAMP.

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir o processo de avaliação trabalhada pela lógica das intuições escolares, que, possuem uma proposição e orientação legal com os resultados de um estudo qualitativo sobre Avaliação da aprendizagem escolar na lógica dos pais de alunos do município de Arraias- TO. O objetivo verifica a leitura dos pais acerca do papel da escola no processo de aprendizagem dos seus filhos. O aporte metodológico se sustentou em dados do grupo focal que teve como amostra dez sujeitos: mães de alunos. Dos teóricos que subsidiaram o estudo destacamos: D'Ávila (1998), Demo (1999), Perrenoud (1995, 1999), Portes (2007) Villas Boas (1993). Os resultados demonstraram que ao contrário do que a escola preconiza os pais, avaliam sim o trabalho realizado pela escola. Reconhecem seu papel social e a sua maneira, identificam o que a escola faz e o que precisa ser melhorado. Apontam a avaliação da aprendizagem como um indicador de melhoria da qualidade de vida para seus filhos e compreendem a função diagnóstica da avaliação que demonstra aprendizagem e comportamento dos alunos. Afirmam que a escola precisa buscar a participação dos pais nos processos de avaliação e em seu fazer pedagógico. Os pais têm como modelo as práticas por eles vivenciadas durante seu processo de escolarização. Existe contradição entre a lógica que orienta as práticas das famílias populares e a lógica escolar naquilo que se refere à avaliação.

Palavras-chave: Avaliação. Aprendizagem. Relação família-escola.

Abstract

ASSESSMENT BETWEEN THE LOGIC OF SCHOOL AND LOGIC OF PARENTS

This article aims to discuss the evaluation process worked by the logic of school intuitions, which have a proposition and legal advice to the results of a qualitative study of school learning evaluation in the logic of the parents of the municipality of Arraias- TO students. The goal checks the reading of parents about the school's role in the learning process of their children. The methodological approach is supported on data from focus groups that took as a sample ten subjects: students mothers. Theorists that supported the study include: D'Ávila (1998), Demo (1999), Perrenoud (1995, 1999), Portes (2007) Villas Boas (1993). The results showed that contrary to what the school calls the parents, yes evaluate the work of the school. Recognize their social role and their way, identify what the school does and what needs improvement. They point to the evaluation of learning as an indicator of improved quality of life for their children and understand the evaluation of diagnostic function that shows learning and behavior of students. They claim that the school must seek parental involvement in assessment processes and in its pedagogical practice. Parents have to model the practices they experienced during their schooling process. There is contradiction between the logic that guides the practices of popular families and school logic in what concerns the evaluation.

Keywords: Assessment. Learning. Family-school relations.